

**A Revolução Húngara de 1956\***

Thomas Feixa

Budapeste, 23 de outubro de 1956. Organizada pelo Círculo Petofi, um grupo de estudantes e intelectuais húngaros, uma manifestação em solidariedade aos poloneses põe fogo no barril de pólvora. Quem são os insurgentes? Segundo o jornal *Le Figaro*, militantes cuja intenção era a de restaurar uma “democracia” à moda ocidental, seguindo as leis do capitalismo. A máquina de propaganda do Partido Comunista Francês não tinha a intenção de mostrar o contrário, pois para ela os instigadores do levante de Budapeste eram agitadores contrarrevolucionários. Os crimes do stalinismo certamente já haviam sido reconhecidos, mas eram atribuídos a uma personalidade perturbada. O *Pravda* também explicara que “o culto da personalidade é um abscesso superficial no órgão perfeitamente são do partido”, o proletariado e a revolução permanecem no poder, não apenas na União Soviética, mas também em todas as “democracias populares”. Como o proletariado na Hungria poderia, então, voltar-se contra si mesmo?

Vejamos agora a originalidade das análises feitas por *Socialismo ou Barbárie*, um periódico comunista tido como marginal, mas cuja influência estará, por exemplo, fortemente presente em maio de 1968. “Órgão crítico de orientação revolucionária” (é o subtítulo do periódico), *Socialismo ou Barbárie* foi cofundado em 1949 por dois dissidentes do trotskismo, Claude Lefort e Cornelius Castoriadis. A partir de dezembro de 1956, ele dedicou quatro edições à elucidação do evento húngaro, utilizando textos, convocatórias e palavras de ordem difundidas por insurgentes, estudantes e operários.

Para Castoriadis, é antes de tudo imprescindível “dissipar o nevoeiro da propaganda (que utiliza de todos os meios para dissimular a realidade sobre a revolução húngara), para mostrar as verdadeiras tendências proletárias e socialistas dessa

---

\* Tradução de Márcia Macedo.

revolução”. As análises áridas e confidenciais de *Socialismo ou Barbárie* parecem partilhar dos objetivos e práticas dos insurgentes húngaros. A revolução dos conselhos operários, que toma forma em Budapeste, Győr, Miskolc ou Pecs parece confirmar a pertinência de um projeto revolucionário ao mesmo tempo radical e igualitário. Os acontecimentos de Budapeste, modelos para o desencadeamento de uma revolução democrática, constituem, segundo Lefort, a primeira revolução anti-totalitária e abrem a perspectiva de um socialismo que se opõe à ideologia leninista e todas as suas variantes.

### **Revolução sem vanguardas**

Assim como a revolução russa de fevereiro de 1917, a insurreição húngara opera espontaneamente. O poder monolítico do partido-Estado decompõe-se em poucos dias, diante de um conjunto de movimentos rebeldes, “centrífugos” e autônomos. Essa revolução socialista, “de múltiplos focos”, segundo Castoriadis e Lefort, desenvolve-se distante de qualquer vanguarda revolucionária, e contra a própria ideia de uma subordinação a eventuais “profissionais” da revolução. Sendo assim, ela reabilita as formas políticas de luta radical: a greve geral e a criação de conselhos autônomos operam sobre uma plataforma de democracia direta.

Ela também se choca contra a fórmula do partido revolucionário defendida por Lênin e por Trotsky: a de uma organização autoritária e centralizadora, na qual as decisões são tomadas por uma elite sábia e restrita. A insurreição húngara ilustra a autonomia dos movimentos revolucionários, fazendo jus à autoemancipação do proletariado, ideia preciosa a Karl Marx. E é aqui onde se encontra o coração do marxismo heterodoxo de *Socialismo ou barbárie*. A despeito do que pensaria o autor de *Que fazer?* a “consciência socialista”, longe de nascer de uma sabedoria exclusiva a uma elite ou vanguarda, é produto de uma experiência coletiva de combate em prol da inversão da ordem estabelecida.

A partir do dia 25 de outubro de 1956, a estimativa de Lefort é de que “a Hungria está povoada de conselhos, cujo poder passa a ser o único, além do exército vermelho”. Em suma, a atividade espontânea e radical dos insurgentes ilustra sua criatividade política e resulta na instituição de conselhos operários. Esses conselhos não constituem

formas políticas transitórias: ao contrário, eles tendem a substituir a lógica centralizadora do Estado pela sua lógica democrática.

### **O “socialismo dos conselhos”**

Quem fala de socialismo de conselho refere-se, simultaneamente, ao controle dos representantes, à vontade de repudiar toda tendência oligárquica, à esperança de impedir toda autonomização do poder. A adoção do mandato imperativo – que foi considerado inútil por todas as constituições republicanas francesas e cujo princípio não é aceito por nenhuma grande formação política, inclusive em seu funcionamento interno – constitui um dos pilares do conselhismo. Ele visa impedir a dissociação entre uma minoria dirigente e uma maioria executante. Em oposição ao mandato representativo, ele instaura a revogabilidade permanente de todo mandatário: o representante é encarregado de aplicar as instruções daqueles que o elegeram. Já o sistema de mandato representativo lhe concede uma independência total: uma vez eleito, ele torna-se a voz da Nação, e não mais a de seus mandatários.

No dia 28 de outubro, o Conselho de Szegel passa a reivindicar a autogestão operária. Outros conselhos ou comitês de fábrica (que continuam a proliferar) seguem a mesma trajetória. Em 2 de novembro, a Federação da Juventude proclama: “Nós não devolveremos a terra aos grandes proprietários, nem as fábricas aos capitalistas”. Para Castoriadis, a revolução húngara assemelha-se a um anticapitalismo real, que atinge as próprias relações de produção e não se satisfaz, por meio do socialismo, com a abolição do regime de propriedade privada. De acordo com Lefort, o regime stalinista permitiu que os operários húngaros compreendessem algo essencial: “a exploração não é resultado da presença de capitalistas privados, mas da divisão, feita nas próprias fábricas, entre aqueles que decidem tudo e aqueles que apenas obedecem”. A estatização dos meios de produção – ou sua nacionalização – não conseguiria conferir uma característica socialista à produção. Tal erro acabaria por encobrir a realidade de um sistema de exploração nunca antes visto, que em 1956 foi desmantelado pelos insurgentes húngaros.

A revolução de Budapeste provocou fissuras em uma construção tida como invulnerável. Ela proporcionou uma invenção democrática sem precedentes e sem

relação alguma com o que Castoriadis chamava de nossas “oligarquias liberais”. Contra o totalitarismo, a revolução. Tal oposição põe em xeque toda uma historiografia conservadora. Aquela que, de François Furet a René Rémond, confunde “gulag” com fenômeno revolucionário.